

Manual do professor

Procura-se um amor

CRÔNICAS

Adriana Falcão

Organização pedagógica **Maria José Nóbrega**



S SALAMANDRA



ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

Maria José Nóbrega

“O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?”¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “Trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual é a resposta? Vamos a ela: os anos, que se dobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para determinada situação constitui um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, transforma-se em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.



Um pouco sobre Adriana Falcão, a autora de *Procura-se um amor*

Adriana Falcão nasceu no Rio de Janeiro, mas passou boa parte de sua vida em Recife, onde se formou em arquitetura. Ela nunca exerceu a profissão, mas com certeza usa suas habilidades arquitetônicas para criar as rocambolescas estruturas de suas histórias, com sensibilidade, delicadeza e também humor. É escritora premiada de livros para crianças, jovens e adultos, mas também encanta o público com seu talento nos roteiros para programas de TV, cinema e teatro.

A obra

“Não precisa ser perfeito. Não precisa ser para sempre. Não precisa ser o maior de todos, desde que seja imenso. Aceito defeitos de várias espécies, menos a indiferença. Já vi no filme, na novela, no romance, e até na vida real (se bem que já faz um tempo). Sei que já foi mais frequente, ou porque antes a gente era diferente, ou porque o mundo era outro, mas ouvi dizer que existe ainda. É raro, eu sei, apesar disso procuro.”

As coisas da vida, as marcas do tempo e o que corrói o coração. Tudo o que nos cerca e nos invade em crônicas que transformam pessoas comuns em personagens, apresentadas com toda a sutileza de Adriana Falcão.

Comentários sobre a obra

Até mesmo o leitor mais desatento e descompromissado, aquele que, desavisado, pretendia apenas folhear o livro distraidamente, terá dificuldade de desapegar-se de *Procura-se um amor*, coletânea de crônicas de Adriana Falcão.

Concisão, leveza, humor, argúcia, inventividade – muitos são os artifícios manejados com primor pela cronista na criação dos vinte textos que compõem essa seleta, cativantes à primeira leitura.

Os subtítulos que abrem cada uma das seções – da vida; do coração; do tempo; da cabeça; da ternura; do cotidiano – apresentam ao leitor os indícios da matéria-prima com a qual se tecem os textos: a vida do dia a dia capturada no seu estado bruto e transfigurada por uma aguda sensibilidade.

Como em um jogo cuja graça e desafio são as ilusões de ótica, à medida que avança na leitura, o leitor é levado a enxergar naquilo que já se habituou a olhar o que ainda não aprendeu a ver.

Assim sendo, uma lista de afazeres cotidianos, como a que aparece na crônica “Ameaça”, não é apenas uma maneira de organizar as tarefas corriqueiras, mas uma estratégia de uma mente sã para proteger-se do risco, sempre à espreita, de enlouquecer.

Em outro caso, como na crônica intitulada “A gérbera”, a tristeza sem tamanho de um filho no velório de seu pai somente é revelada como tal a partir da perspectiva singela da vida de uma gérbera.

Do mesmo modo, a percepção da passagem veloz do tempo, comum a toda gente, assunto da crônica “A frase do tempo”, não se limita a uma mera constatação, mas opera um corte no real, através do qual fantasia e devaneio tornam possível o impossível: o tempo, como se fosse capaz de ouvir, pensar, falar e cansar – e ele é mesmo! –, resolve parar.

A força expressiva da crônica, gênero literário que se firmou na fusão entre o registro jornalístico e o registro literário, não reside tanto nos seus temas – em geral assuntos efêmeros, fatos corriqueiros, detalhes desimportantes do dia a dia –, mas na forma singular e na perspectiva original com que são tratados literariamente.

Nessas crônicas, Adriana Falcão combina o despojamento da linguagem coloquial com o refinamento de recursos

estilísticos bem empregados – notadamente: figuras de pensamento como prosopopeia, hipérbole e ironia – para fazer saltar, da cena supérflua ou do diálogo banal, o elemento insólito obscurecido pela familiaridade, o detalhe pitoresco escondido sob a rotina, a imagem inverossímil oculta na aparente coerência do cotidiano.

Quadro-síntese

Gênero: Crônica.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Filosofia, Sociologia.

Temas contemporâneos: Direitos da criança e do adolescente; educação ambiental; respeito e valorização do idoso; educação em direitos humanos; vida familiar e social; trabalho; diversidade cultural.

Público-alvo: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.